

Sermão 050

As riquezas da iniquidade.

Santo Agostinho

Análise

Sabemos que para condenar o Antigo Testamento, os maniqueístas procuravam em toda parte colocá-lo em contradição com o Novo Testamento. Eles afirmavam então que estas palavras de Ageu: “A prata e o ouro me pertencem - oráculo do Senhor dos exércitos”¹, eram opostas a estas: “Fazei-vos amigos com a riqueza da iniquidade”².

Santo Agostinho mostra que entre estes dois sábios não há a menor contradição. Se Deus diz, no Antigo Testamento, que o ouro e a prata lhe pertencem, isto não é uma maneira de rebaixar a vaidade das riquezas? As riquezas são mesmo dele, pois não apenas ele as criou, como também ele se serve delas para a glorificação dos justos e a punição dos pecadores.

Nosso Senhor, é verdade, chama os bens deste mundo de riquezas da iniquidade. Isto acontece porque, de fato, elas são enganosas e estimulam as necessidades invés de apaziguá-las. Muito frequentemente elas são, sem dúvida, instrumentos do vício. Mas elas não são, por este motivo, mais condenáveis dos que as criaturas mais perfeitas que podem fazer um mau uso delas.

¹ Ageu 2: 8.

² Lucas 16: 9. *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis.*

Ao examinar mais de perto o texto de Ageu, observaremos que o ouro e a prata mencionados lá se referem à sabedoria e à virtude, das quais ninguém deve se orgulhar, pois elas vêm do Senhor.

Seria fácil, aliás, demonstrar que o Antigo Testamento censura a avareza tanto quanto o Novo Testamento. Tudo isso então prova a má fé dos maniqueístas.

01

Os maniqueístas procuram apoiar suas calúnias no profeta Ageu. Eles criticam odiosamente estas palavras, que ele pronunciou em nome do Senhor: *A prata e o ouro me pertencem - oráculo do Senhor dos exércitos.*

Também, como eles se dedicam a comparar maldosamente os Evangelhos à antiga Lei, com o objetivo de mostrar que os dois Testamentos são contrários um ao outro, eles propõem a seguinte dificuldade: está escrito, eles dizem, no profeta Ageu: *A prata e o ouro me pertencem - oráculo do Senhor dos exércitos* e Nosso Senhor, nos Evangelhos, chama as riquezas de uma espécie de iniquidade.

O Apóstolo, por sua vez, fala assim do uso que se faz da riqueza: *A raiz de todos os males é o amor ao dinheiro*³.

Assim eles apresentam a questão, ou melhor, assim eles acusam as antigas Escrituras que anunciaram os Evangelhos, se apoiando nos mesmos Evangelhos anunciados por elas.

³ 1 Timóteo 6: 11.

Se eles se propusessem seriamente a dificuldade, talvez eles se vissem no dever de resolvê-la e, trabalhando nela, talvez conseguissem atingir este objetivo.

02

Infelizes que são, por que não compreendem que o motivo do Senhor, ao dizer em Ageu: *A prata e o ouro me pertencem*, é lembrar àquele que se recusa a dar aos indigentes __ apesar da obrigação de exercitar a misericórdia __ que Deus lhe ordena distribuir, não seu próprio bem, mas o bem do próprio Senhor e, àquele que faz obras de misericórdia, que ele não as faz com o que lhe pertence, pois, invés de se afirmar na virtude, com a prática dessas boas obras, ele poderia se inflar com a vaidade e o orgulho?

A prata e o ouro me pertencem; não a vocês, ó ricos do mundo. Por que então hesitar em dar aos pobres aquilo que me pertence? Ou, por que vocês se orgulham em dar o que é meu?

03

Quer saber como o ouro e a prata pertencem ao Justo Juiz? Essas riquezas fazem o tormento do avaro, na mesma medida em que elas ajudam o coração compassivo.

A divina justiça distribui tudo com tanta sabedoria que as riquezas servem para manifestar as belas ações ou para castigar a iniquidade. Sim, o ouro, a prata e todos os bens da terra são igualmente instrumentos da beneficência e suplício para a cupidez.

Ao conceder riquezas às pessoas de bem, Deus mostra quantas coisas desdenha a alma cuja riqueza é o próprio Autor da riqueza. Para provar, de fato, que se despreza uma coisa, é preciso possuí-la realmente. Ao possuí-la, pode-se, sem dúvida desprezá-la.

Mas esse desprezo é falso ou sincero? Só Deus o sabe, já que ele vê o coração⁴. Quanto às pessoas que gostariam de imitar esse desprezo, elas só poderiam demonstrar a sinceridade através de atos de generosidade.

Quando, por outro lado, Deus concede esses bens aos ímpios, ele mostra, através dos próprios bens que ele concede, os tormentos que estão reservados à alma que despreza o generoso doador.

Ele fornece aos bons a oportunidade de fazer o bem e atormenta os ímpios com o medo da perda dos bens. Caso um ou outro perca seu ouro e sua prata, os primeiros conservam com alegria seus tesouros celestes, enquanto que os segundos verão suas casas expropriadas dos bens temporais e sua consciência mais expropriada ainda das riquezas celestes.

04

O ouro e a prata pertencem realmente àquele que sabe fazer um bom uso deles. Dentre as próprias pessoas, só possui de fato aquele que sabe fazer um bom uso das coisas. Realmente, quem não administra com justiça, não possui de direito. Quando se pretende possuir aquilo

⁴ Cf. Sabedoria 1: 6.

que não se tem de direito, não se é o legítimo dono, mas um injusto e impudente usurpador.

Segue-se daí que deve-se reivindicar com razão não o que foi tomado por uma injusta e louca cupidez, mas o que se administra com uma autoridade plena de prudência e uma moderação plena de justiça.

Deus então não pode sustentar, com muita verdade e razão, que o ouro e a prata lhe pertencem? Foi ele que os criou, com sua imensa bondade. Ele sabe empregá-los com soberana justiça. Sem sua ordem ou sua permissão, ninguém pode possuir o ouro e a prata. Nem os maus, para o suplício de sua avareza e nem o bons, para o exercício de sua beneficência. Exercício limitado, pois eles não podem criar as riquezas, retomá-la ou distribuí-las no mundo segundo seu bem querer.

05

Suponhamos que só os ímpios possuíssem o ouro e a prata. Teríamos razão em acreditar que eles são um mal. Se eles só pertencessem aos bons, seríamos levados a acreditar que eles são um grande bem.

Por outro lado, se só os maus fossem privados deles, a pobreza pareceria um grande castigo. Se isto só acontecesse com os bons, a mesma pobreza seria vista como a soberana felicidade.

Você quer saber se pode ser bom ter ouro? Pessoas de bem o possuem.

Você quer saber também se é o ouro que faz sua virtude? Pessoas do mal também o possuem.

Para nos ensinar que a pobreza não é uma infelicidade, vemos que há pobres felizes.

Para nos ensinar também que a pobreza não é uma felicidade, vemos que há pobres infelizes.

Quanto então o Criador supremo e governador de todas as coisas distribui às pessoas ouro e prata, ele quer que eles sejam visto como bons em sua natureza e em seu gênero, embora não sejam nem um grande bem e nem o bem soberano e que, segundo o lugar que ocupam na graduação dos seres, eles estimulam a louvar o Senhor do universo.

Deus quer também que os bons saibam não se orgulhar quando tem em abundância e nem se deixar abater, quando estão em privação. E que os maus sejam cegados, quando possuem e atormentados, quando perdem.

06

Não se poderia então censurar de nenhuma forma o que Deus criou para sua glória, para a honra dos bons e para o suplício dos maus. Deus pode também, com a mais perfeita verdade, chamar de seu não apenas o que ele estabeleceu com a mais generosa bondade, como também o que ele distribui com a mais sábia providência.

Se então o Senhor chama, nos Evangelhos, essas coisas, de *riquezas da iniquidade*⁵, é para fazer entender que há outras riquezas que são a partilha exclusiva das pessoas de bem e dos justos e que é a iniquidade que dá, às primeiras, o nome de riquezas.

⁵ Lucas 16: 9. *Mammona iniquitatis*.

A justiça sabe, de fato, que existem outros tesouros destinados a ornamentar o ser humano interior. É deles que fala o bem-aventurado Pedro, quando ele diz: *Que é tão precioso aos olhos de Deus*⁶.

Estas últimas riquezas são chamadas de justas, porque elas são a recompensa dos justos, daqueles que as mereceram. E elas são verdadeiras, porque, ao possuí-las, não se fica à mercê da indignância.

As outras são chamadas de injustas, não porque haja injustiça no ouro e na prata, mas porque é injusto dizer que são riquezas, já que elas não preservam da necessidade.

Todo mundo, de fato, não experimenta desejos tão intensos, quanto mais se possui com apego os maiores tesouros?

E como chamar de riquezas o que, ao crescer, faz crescer as necessidades; o que, quanto maiores são, não só não saciam os que as amam, como mais lhes inflamam o desejo por elas?

Você consideraria rico aquele a quem menos faltaria, quanto menos possuísse? Quantas pessoas vemos que se contentavam com pequenos ganhos, quando eram pouco ricos e que agora que possuem ouro e prata de verdade, mas que são falsas riquezas, recusam ganhos pequenos que podem aparecer!

Se você acredita que eles estão satisfeitos, você se engana. O crescimento de sua opulência só faz aumentar sua avareza; só faz infla-

⁶ 1 Pedro 3: 3 e 4. *Não seja o vosso adorno o que aparece externamente: cabelos trançados, ornamentos de ouro, vestidos elegantes; mas tende aquele ornato interior e oculto do coração, a pureza incorruptível de um espírito suave e pacífico, o que é tão precioso aos olhos de Deus.*

má-la, invés de acalmá-la. Eles rejeitam um copo de água, porque lhes falta um rio.

Assim então, devemos considerar como mais rico ou como mais indigente, a pessoa que procurou se enriquecer para não experimentar necessidades e que só se tornou mais rica para experimentar mais necessidades?

07

No entanto, isto não é um problema nem do ouro e nem da prata. Suponha, de fato, que uma pessoa compassiva tenha descoberto um tesouro. Por compaixão, ela se apresse em dar hospedagem aos viajantes, alimentar os famintos, fornecer roupas a quem precisa delas, ajudar os indigentes, resgatar os cativos, construir igrejas, dar repouso aos fatigados, apaziguar as disputas, ajudar os náufragos, cuidar dos doentes, distribuir sobre a terra suas riquezas materiais e acumular no céu seus tesouros espirituais?

Quem age assim? A pessoa misericordiosa e boa.

Por qual meio? Com o ouro e a prata.

Para o serviço de quem? Daquele que disse: *A prata e o ouro me pertencem*⁷.

Agora então, meus irmãos, vocês veem, sem dúvida, que estranha cegueira e que demência são necessárias para atribuir, às coisas que se usam mal, o crime daqueles que abusam delas.

⁷ Ageu 2: 8.

Se se condenam o ouro e a prata, porque há pessoas corrompidas pela avareza que, desprezando os preceitos do Todo Poderoso, se apegam com uma paixão detestável ao que ele criou, deve-se desprezar também todas as outras criaturas de Deus, pois, diz o Apóstolo, há pessoas perversas que *adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos*⁸. Deve-se condenar até mesmo o sol, já que, não vendo nele uma criatura, os maniqueístas não deixam de honrá-lo e adorá-lo, seja como Criador, seja como uma parte dele mesmo.

Mas, por que eles não o acusam? Não vemos frequentemente os processos mais injustos, ocasionados pelo desejo de dar aos edifícios mais sol e luz? Não vemos frequentemente casas serem derrubadas para fazer os raios de sol penetrarem mais ampla e livremente pelas janelas? Não vemos aqueles que se opõem a isso, mesmo fundamentados nos direitos mais incontestáveis, serem perseguidos por implacáveis inimizades?

Se então acontece de, para obter mais sol, uma pessoa poderosa oprima injusta e cruelmente uma pessoa fraca; se a priva, se a envia ao exílio ou à morte; isto é culpa do sol, que o opressor procura desfrutar mais abundantemente?

Isso não é mais um abuso doloso de quem faz isso? Ao desejar para seus olhos mais luz material, ele fecha à luz da justiça o íntimo de seu coração.

⁸ Romanos 1: 25.

08

Isto deve fazer esses sectários compreenderem __ se é que são capazes disso __ que não se deve condenar nem o ouro e nem a prata, embora o ouro e a prata sirvam frequentemente para contestações entre pessoas ávidas. Ou então eles devem deslocar suas acusações da terra para o céu, dos metais para as estrelas e até ao sol, cuja luz a iniquidade disputa, dedicando-se a ódios, às vezes, eternos.

Eles devem aprender também a distância que separa a luz visível da invisível luz da justiça. Pode acontecer, de fato, que, quanto mais se deseja usufruir da primeira, mais se fica cego em presença da segunda.

Nada de criado pode justificar o ser humano. Para fazer bom uso de todas as criaturas, ele precisou ser santificado pelo Criador.

Também, mesmo condenando em toda parte a avareza, como deve fazer um justo juiz, o Senhor, como mestre da verdade, mostra o uso que se deve fazer das riquezas terrestres e o faz no mesmo lugar que os maniqueístas apresentam contra o Profeta.

*Fazei-vos amigos com a riqueza da iniquidade*⁹, ele diz. Isto significa: “Vocês não devem conservar como riqueza o que é riqueza da iniquidade. Vocês poderão usar dos tesouros da terra. Vocês poderão até mesmo fazer amigos que os receberão nos tabernáculos eternos, se vocês não possuírem esse tipo de riqueza, ou seja, se vocês não se considerarem ricos, pois sua riqueza verdadeira, a riqueza que os colocarão ao abrigo de toda necessidade, não tem nada de comparável com os

⁹ Lucas 16: 9. *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis.*

bens da terra. Mas, para merecer desfrutar dela, é preciso começar por fazer bom uso dos bens que não são nem de vocês e nem riquezas verdadeiras, mas riquezas da iniquidade, já que elas não evitam a indignação e somente a iniquidade as vê como riquezas. Os pecadores se acreditam preservados da pobreza por elas. Mas vocês, vocês devem aspirar por outras riquezas; por riquezas verdadeiras e que pertencerão realmente a vocês. Mas, *se não tiverdes sido fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?*¹⁰”

09

Mas, é evidente que, de acordo com seu costume, os maniqueístas distorcem o sentido das profecias. Minimamente que se examine o contexto da passagem que eles citam abusadamente, observa-se que não se trata do ouro e da prata que fazem girar a cabeça do avaro, mas do ouro e da prata mencionados pelo Apóstolo, quando ele diz: *Alguém edifica sobre este fundamento, com ouro, ou com prata, ou com pedras preciosas*¹¹.

Esse mesmo tesouro formava o tesouro misterioso que, de acordo com o Salvador, foi encontrado em um campo e que uma pessoa maravilhosa e admiravelmente avara se apressou em comprar, depois de ter vendido tudo o que possuía¹².

¹⁰ Lucas 16: 11 e 12.

¹¹ 1 Coríntios 3: 12.

¹² Cf. Mateus 13: 44.

Não foi, efetivamente, o Senhor que anunciou o Profeta e, em sua linguagem figurada, como é de costume, não designou a época do novo tempo, ou seja, da Igreja, quando disse: *Ainda um pouco de tempo e abalarei céu e terra, mares e continentes. Sacudirei todas as nações. O Desejado de todos os povos virá e encherei de minha glória esta casa, diz o Senhor dos exércitos. A prata e o ouro me pertencem - oráculo do Senhor dos exércitos. O esplendor desta casa sobrepujará o da primeira - oráculo do Senhor dos exércitos. Sim, farei reinar a paz neste lugar, diz o Senhor dos exércitos*¹³?

10

Se os maniqueístas não quiserem se parecer com os cães e os porcos aos quais nos é proibido jogar coisas santas e pérolas; se eles pedissem, para receber; se buscassem, para encontrar; se batessem, para que lhes fosse aberto¹⁴; eles não poderiam, sem a ajuda de nenhum intérprete e sob a condução do Espírito Santo, ver que essa passagem se aplica manifestamente ao povo novo, ou seja, ao povo cristão, cujo grão-sacerdote é Jesus, o Filho de Deus?

Eles compreenderiam sobretudo as seguintes palavras: *Ainda um pouco de tempo e abalarei céu e terra, mares e continentes. Sacudirei*

¹³ Ageu 2: 7-10. *Adhuc unum modicum est, et ego commovebo caelum, et terram, et mare, et aridam. Et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus : et implebo domum istam gloria, dicit Dominus exercituum. Meum est argentum, et meum est aurum, dicit Dominus exercituum. Magna erit gloria domus istius novissimae plus quam primae, dicit Dominus exercituum : et in loco isto dabo pacem, dicit Dominus exercituum.*

¹⁴ Cf. Mateus 7: 6-8.

todas as nações, o desejado de todos os povos virá. Estas palavras designam o segundo advento do Senhor, quando ele virá com glória.

De fato, por ocasião do seu primeiro advento, ele nos foi dado em uma carne mortal pela Virgem Maria e não era o Desejado de todas as nações, que não acreditavam ainda nele. Mas, ao espalhar por todos os povos o Evangelho, ele acendeu neles o desejo de vê-lo, pois haverá por toda parte eleitos que dirão, com todo coração, ao rezar: *Venha a nós o vosso reino*¹⁵.

No primeiro advento, a misericórdia preparou o julgamento, que dará brilho ao segundo advento.

Foi preciso então primeiro abalar o céu, o que aconteceu quando o anjo anunciou a Maria que ela conceberia o Filho de Deus, quando uma estrela conduziu os magos para adorá-lo e quando anjos também informaram seu nascimento aos pastores; abalar a terra, espantada com seus milagres; abalar o mar, ou seja, o mundo onde ressoava o ruído das perseguições; abalar os continentes, pois aqueles que acreditavam nele tinham fome e sede de justiça; abalar, enfim, todas as nações, pois seu Evangelho deveria percorrer todas as partes.

Depois disso, deve aparecer o Desejado de todas as nações e ele virá efetivamente, como predisse o Profeta e esta casa, ou seja, a Igreja, ficará cheia de glória.

¹⁵ Mateus 7: 10.

11

Consequentemente, ele acrescenta em seguida: *A prata e o ouro me pertencem*. É que toda a sabedoria, representada pelo ouro, é que *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada*¹⁶, é que toda essa prata e todo esse ouro, não são dos seres humanos, mas do Altíssimo e, se sua casa está cheia de glória, é porque aquele que se glorifica, deve se glorificar no Senhor¹⁷.

Para fazer com que o ser humano entre no Paraíso, do qual saiu por orgulho, o grão-sacerdote que habita essa casa dignou-se apresentar-se como modelo de humildade. Ele próprio atesta isso, quando clama no Evangelho: *Recebi minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração*¹⁸.

Então, para que nessa casa, ou seja, em sua Igreja, ninguém se atribua orgulhosamente o que pode ter de sabedoria em seus sentimentos ou em seus discursos, com que saudável precaução o Senhor diz para todos: *A prata e o ouro me pertencem*.

Com isso se cumprirá o que segue: *O esplendor desta casa sobrepujará o da primeira*, pois os habitantes da primeira casa, ou os habitantes da Jerusalém terrestre, *Desconhecendo a justiça de Deus e procu-*

¹⁶ Salmo 11: 7.

¹⁷ Cf. 2 Coríntios 10: 17.

¹⁸ Mateus 11: 29.

*rando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*¹⁹, como disse o Apóstolo.

Assim, considere que, ao reivindicar a propriedade do ouro e da prata, ficou impossível chegar à glória eterna da última morada. Ao dizer, no entanto, que *O esplendor desta casa sobrepujará o da primeira*, o Profeta indica que esta não foi sem nenhuma glória.

É dessa glória que falava o Apóstolo, quando disse: *Se o transitório era glorioso, muito mais glorioso é o que permanece!*²⁰

12

O último versículo desta passagem é este: *Sim, farei reinar a paz neste lugar, diz o Senhor dos exércitos.*

O que significa *neste lugar*? Não se diria que o Senhor aponta o dedo para alguma coisa de terrestre, já que os lugares só podem conter corpos?

Pode-se também ver aqui a ressurreição dos corpos, que será o complemento da beatitude, pois então a carne não combaterá o espírito e nem o espírito combaterá a carne.

De fato, este corpo será revestido de incorruptibilidade e este corpo mortal, de imortalidade²¹.

Não haverá em nossos membros uma lei para lutar contra a lei do espírito, pois *farei reinar a paz neste lugar, diz o Senhor dos exércitos.*

¹⁹ Romanos 10: 3.

²⁰ 2 Coríntios 3: 11.

²¹ Cf. 1 Coríntios 15: 53.

13

Como se trata de depreciar o ouro e a prata materiais, o que os Profeta falaram, quem pode ser tão surdo para as palavras divinas, para ignorar o que eles disseram sobre isso?

Os maniqueístas, para seduzirem as mentes, citam este texto do Apóstolo: *A raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições*²².

Mas, seria fácil descobrir no Antigo Testamento um texto onde a avareza não seja condenada e apontada para a execração? Já que se trata entre nós do ouro e da prata, por que não escutam este oráculo profético: *Sua prata e seu ouro não poderão salvá-los no dia da cólera do Senhor*²³.

Não bastaria ouvir esta passagem com boa vontade, deixar-se penetrar por ela, para renunciar inteiramente às seduções de uma felicidade enganosa, para se jogar nos braços de Deus, se despír do velho ser humano e se vestir de imortalidade?

Mas, por que remexer por mais tempo esta questão? Sua caridade vê muito claramente, não duvido disso, que, perante os simples, os maniqueístas se apoiam, não sobre a verdade, mas sobre a astúcia, para opor uma parte da Escritura a toda a Escritura e os livros novos aos li-

²² 1 Timóteo 6: 10.

²³ Ezequiel 7: 19.

vros antigos e, para fazer alusão aos ignorantes, eles retiram frases isoladas, entre as quais eles se esforçam para mostrar alguma contradição.

Mas, no próprio Novo Testamento, não há nem uma carta apostólica, nem um livro evangélico que não se possa desfigurar igualmente. Pode-se, no mesmo livro, mostrar pensamentos opostos, se não se tiver o cuidado, ao lê-lo, de estudar todo o contexto.



Traduzido de *Oeuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc:
Abade Raulx Editor, 1866, por Souza Campos, E. L. de.
© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.